

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

Rose Itaiara Ferreira Lütz

**EXPERIÊNCIAS A PARTIR DAS CINCO PELES: MEMÓRIA E PROCESSO
CRIATIVO DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NAS AULAS DE ARTES
VISUAIS**

Porto Alegre
2019

Rose Itaiara Ferreira Lütz

**EXPERIÊNCIAS A PARTIR DAS CINCO PELES: MEMÓRIA E PROCESSO
CRIATIVO DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NAS AULAS DE ARTES
VISUAIS**

Monografia apresentada como requisito
parcial e obrigatório para a conclusão de
curso de Licenciatura em Artes Visuais da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora :

Prof.^a Dr.^a Andrea Hofstaetter

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Edison Luiz Saturnino

Prof.^a Dr.^a Paula Mastroberti

Porto Alegre

2019

Rose Itaiara Ferreira Lutz

**EXPERIÊNCIAS A PARTIR DAS CINCO PELES: MEMÓRIA E PROCESSO
CRIATIVO DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NAS AULAS DE ARTES
VISUAIS**

Monografia apresentada como requisito parcial e obrigatório para a conclusão de curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em : __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Andrea Hofstaetter
Orientadora

Prof. Dr. Edison Luiz Saturnino

Prof.^a Dr.^a Paula Mastroberti

Porto Alegre
2019

Dedico a minha mãe. Que me deu a chance de todas as experiências que vivi.

Agradeço à minha orientadora Andrea Hofstaetter, por acreditar em mim e por toda ajuda e acolhimento. Agradeço aos professores Edison Luiz Saturnino e Paula Mastroberti, que foram inspiração para mim durante o curso, e aceitaram fazer parte de minha banca.

Agradeço à equipe do Caju, por ter me recebido tão bem.

Agradeço à minha família, por todo amor incondicional. Danda, obrigada por ser porto seguro durante esses 31 anos.

Aos amigos que sempre me apoiaram. Dani, por ter sido o principal incentivador na escolha do curso de graduação. Lu, por todos esses anos de “vamos hoje?” por toda parceria e troca, por dividir os medos e vitórias durante esse sete anos. Fábio, por toda a paciência para as discussões intermináveis sobre conceitos de arte e vida em geral. E por ter sido um sopro de leveza nessa minha vida bagunçada.

Resumo

Esta pesquisa pretende refletir sobre a possibilidade de produção artística a partir das memórias adquiridas por meio das experiências vividas. Aborda, através da Teoria das Cinco Peles, do artista Hundertwasser, as relações que traçamos conosco mesmos e com o mundo externo e, como a partir destas interações, criamos memórias que são parte da construção de nossas identidades. Reflete sobre o papel da memória no processo criativo e discute a proposição de um plano de ensino baseado nessa idéia. Relata a experiência do estágio obrigatório com turmas do 7º ano do Ensino Fundamental II, e do 1º ano do Ensino Médio.

Palavras Chave: Cinco peles. Hundertwasser. Experiência. Memória. Ensino Artes Visuais.

Índice de Figuras

Figura 1 - Tratado de paz com a natureza, 1987, Xilogravura	13
Figura 2 - A Anunciação das Boas Novas, 1956, 640 mm x 750 mm –Meios mistos: aquarela, óleo, folhs de ouro em papel condicionado sobre linho	13
Figura 3 - A Espiral Do Arco-Íris De Valkenburg, Construído: 2006 – 2007	15
Figura 4 - HundertwasseHouse - Conjunto Habitacional - Viena - Áustria	15
Figura 5 - As Cinco Pele De Pessoas, 296 mm x 210 mm- Tinta sobre papel	17
Figura 6 - Hundertwasser e roupas confeccionadas por ele.1960	18
Figura 7 - Hundertwasser com seus sapatos de verão	19
Figura 8 - Hundertwasser na casa com telhado de grama construída por Ivan Tarulevic na Baía da abundância. 1975	20
Figura 9 - Hundertwasser e seu banheiro de humos. 1978.....	21
Figura 10 - Auto retratos dos alunos do 7ºano, 2019	31
Figura 11 - Linha do tempo de alunx do 1º do Ensino.....	32
Figura 12 - Aquarelas alunx H73. 2019.....	33
Figura 13 - Desenho coletivo grupo IV – Ele é diferente de mim. 2019	34
Figura 14 – Desenho coletivo grupo II – Mundo-cérebro. 2019	35
Figura 15 – Detalhe da escola fotografado por M105. 2019	36
Figura 16 - Detalhe da escola fotografado por A105. 2019.....	36
Figura 17 - Desenho do aluno GT71 –	37

Sumário

Introdução	9
1. Sobre Nome Estranho, Experiências E Memória	11
1.1 Hunder... Alguma Coisa	12
1.2 Experiências A Partir De Cinco Eixos	17
1.3 Memória A Partir Da Experiência	22
1.4 Memória No Processo Criativo	25
2. Um Planejamento, Muitos Alunos E Uma Professora	28
2.1 Antes: Minha Proposta Educativa	28
2.2 Durante: Como Foi O Desenrolar	30
2.3 Depois : O Que Ficou Em Mim	38
Considerações Finais	41
Referências	43
Apêndice	46
Apêndice A - Plano De Ensino Desenvolvido Para O Estágio Obrigatório	46
Apêndice B - Questionário Aplicado Nas Primeriras Aulas.....	54
Anexos	55
Anexo A- A Espiral.....	55
Anexo B - Sobre A Segunda Pele.....	57
Anexo C - Teu Direito De Janela E O Teu Dever De Árvore	63

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo refletir sobre a possibilidade de produção artística a partir das memórias que surgem das experiências vividas.

Apresento a teoria das cinco peles de Hundertwasser, que fundamenta esta relação entre memórias e experiência, neste projeto. O artista é austríaco, tendo vasta produção em xilogravura, em pintura e na arquitetura, sendo de grande influência na arquitetura orgânica moderna, na qual substituiu a monotonia por variedade, as linhas retas por curvas e ondulações, o monocromático por coloridos vívidos. Comprometido com o meio ambiente e com a busca harmoniosa de vidas, espirais e cores, rejeitava o lugar comum, e discursava sobre todos terem direito ao belo.

Descrevo as cinco camadas do ser, base da teoria das cinco peles, que fala de um corpo de diversas dimensões, do corpo humano com seu princípio em um eixo central e abstrato denominado “eu-profundo”, desenrolando-se em forma de espiral, constituindo as suas múltiplas peles em diversos níveis e cada nível representa uma forma de interação com o mundo que nos cerca.

Constituem-se a partir das esferas de relacionamento do EU com o mundo. Todas são constantes durante a vida e acontecem simultaneamente. A primeira pele é a epiderme, o corpo físico, barreira material; a segunda são as roupas e adornos; a terceira, a nossa moradia, a casa e os objetos que escolhemos; a quarta, nossas relações sociais e, por fim, a quinta é o mundo natural e tudo que o envolve, da grama ao cosmo.

Penso as múltiplas camadas das relações com o mundo externo como disparadores de discussões sobre o resultado das interações, que podem ser motivadoras de processos criativos intencionais.. Cada experiência vivida gera resultados, como a memória que nos constitui, e, a cada nova experiência, ressignificamos memórias e começamos mais um ciclo. Nisso a memória tem papel vital na construção de nossas identidades. Sendo assim, é elemento crucial no processo de criação.

Trago minhas questões como professora de artes em formação, e relato minhas experiências e reflexões a partir do estágio obrigatório realizado no Colégio Estadual Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, situado na cidade de Porto Alegre, no bairro Intercep.

Falo de onde parti para pensar e desenvolver meu projeto de ensino. Descrevo meu processo de criação como docente e minhas dificuldades e inseguranças nesse aspecto. Assim como as escolhas para a realização do projeto. Relato as atividades e seu andamento em sala de aula.

Conduzo a narrativa do que ficou em mim, depois da experiência do estágio, trazendo pontos que me provocaram reflexão, tanto no pensar a docência, como no meu próprio processo de me tornar professora, minhas percepções e aprendizados.

1. Sobre Nome Estranho, Experiências e Memória

Em algum momento de 2018, quando me aventurava em uma aula de serigrafia, fomos desafiados pela professora a criar uma produção vestível criativa e autoral, que quebrasse com o binômio *serigrafia-camiseta*. Em uma conversa com toda a turma, onde falávamos nossos planos para nossas produções, uma colega comentou sobre a Teoria das Cinco Peles, de um artista com um nome que me pareceu quase impronunciável na primeira vez. A colega falou principalmente sobre a segunda pele, que trata das vestimentas, que questiona modos de produção e consumo da moda. Inicialmente me interessei pelo artista, mas não anotei seu nome nem nada, ficou só a lembrança da idéia de uma análise, onde o ser era visto em camadas. Não fui mais a fundo na idéia do artista, pois, na época, minha pesquisa estava voltada para questões das relações do meu universo interno com o externo. Porém, neste momento, não havia percebido como tudo estava interligado.

Mais tarde, em uma disciplina em que precisávamos criar um plano de ensino, onde eu ainda estava pensando na relação *eu-mundo externo*, e, já tendo acrescentado a idéia de *experiências-memórias*, comecei a buscar referências artísticas que traçassem relações, vendo o mundo como um todo, e que pensassem nas experiências do indivíduo como matéria de criação. Quando então, me deparo, novamente, com aquele artista de nome estranho.

É a partir desse encontro que começo a pensar nas relações que construímos com o mundo a partir de vários eixos, bem como os resultados decorrentes, as marcas que cada experiência deixa, como essas marcas se tornam parte de nós, e, como no fim, somos o resultado das nossas vivências, e como esse produto não é constante e estático.

Tudo é fluxo.

1.1 Hunder... alguma coisa

Dia 15 de dezembro de 1928, em Viena, Áustria, nascia Friedrich Stowasser. Que, mais tarde, seria conhecido por Friedensreich Hundertwasser. Com 20 anos entrou para a Academia de Belas Artes em Viena, onde não chega a completar seus estudos, pois sua concepção de arte não era a mesma da instituição, uma vez que ele acreditava que esta seguia “modismos modernistas”. Passou e morou em diversos lugares, se interessava por descobrir novas culturas. Esteve em Paris entre 1975 e 1983, período em que consolidou a carreira, apresentando sua produção numa série de exposições, discursos-manifestos e performances-happenings.

Em 1949, adotou o nome artístico de Hundertwasser, numa brincadeira com o significado de seu sobrenome original: *Sto* em eslavo significa “cem”. Adaptando o nome ao alemão passou a se chamar Hundertwasser, ou “cem águas”. Modificou seu nome várias vezes ainda, até por volta de 1990. Friedensreich Hundertwasser Regentag Dunkelbunt foi o nome que adotou até o fim da vida, onde Friedensreich significa “reino da paz”, Regentag “dia de chuva” e Dunkelbunt “cores vivas”. Seu nome era representação fiel de sua vida, arte e discurso. Disse: “Há muitas razões pelas quais um homem quer mudar seu nome. Quando ele tem muitos nomes, ele é muitas pessoas. Eu tenho muitos nomes e sou muitas pessoas” "(Apud DORATIOTO, 2015).

Na arte, trabalhou com litografia, serigrafia, gravura, xilogravura colorida e outras técnicas de impressão, pinturas e tapeçarias, com cores vibrantes e formas fluídas.

Antes que se falasse em sustentabilidade seus discursos, manifestos e pinturas já sublinhavam a importância da natureza e antecipavam soluções para o futuro do meio ambiente. Hundertwasser dizia que o trabalho de um artista, além de embelezar o mundo, deveria melhorá-lo: “Meu dever é transformar as cidades sem alma, para permitir que os habitantes vivam de novo em harmonia com a natureza” "(Apud TASCHEN, 1997 p. 304-309)

Figura 1 - Tratado de paz com a natureza, 1987, Xilogravura



Fonte: Site hundertwasser.com

Figura 2 - A Anunciação das Boas Novas, 1956, 640 mm x 750 mm –Meios mistos: aquarela, óleo, folhs de ouro em papel condicionado sobre linho



Fonte: Site hundertwasser.com

Na arquitetura, discursava contra a arquitetura monótona, estéril e repetitiva, gerada por uma produção industrial mecanizada. Em seus discursos chamava a boicotar este tipo de arquitetura e exigia, em troca, a liberdade criativa da construção e o direito à individualidade. Tornou-se grande ícone na arquitetura orgânica moderna, na qual substituiu a monotonia com variedade, e o sistema de grade com as irregularidades orgânicas e não-regulamentadas. Em 1958 apresentou o “Manifesto do bolor contra o racionalismo na arquitetura”, onde passou a se intitular o “médico da arquitetura”. Em seu texto propõe a teoria do trans-automatismo na habitação, afirmando a liberdade que todos teriam de autoconstruir, fundindo, assim, as figuras do arquiteto, do pedreiro e do morador. Em todos seus projetos destacava-se o valor que ele dava para a natureza e a interação do homem com ela, em Discurso da Ecologia, 1982 diz: “nas cidades, a vegetação deveria ser cultivada sobre cada espaço horizontal disponível, nas rodovias e telhados, onde quer que a chuva caia”. Escreveu o manifesto, “Teu Direito de Janela e o Teu Dever de Árvore”, onde defende um habitat de melhor qualidade que, na sua visão, consiste em telhados verdes e decoração individual das fachadas dos prédios, expressando a subjetividade de cada morador.

Uma pessoa em um apartamento alugado deve poder se inclinar pela janela e raspar a alvenaria ao alcance do braço. E ele deve poder fazer um longo pincel e pintar tudo o que estiver ao alcance do braço. Para que seja visível de longe para todos na rua que alguém mora lá que seja diferente do homem preso, escravizado e padronizado que mora ao lado. (HUNDERTWASSER, 1958)

Figura 3 - A Espiral Do Arco-Íris De Valkenburg, Construído: 2006 – 2007



Fonte: Site hundertwasser.com

Figura 4 - HundertwasserHouse - Conjunto Habitacional - Viena - Áustria



Fonte: Site hundertwasser.com

Foi ambientalista, artista, arquiteto e pensador. Através de sua obra promovia uma ideologia em harmonia com a natureza e de compromisso ecológico desde sua concepção. Dessa forma motivou campanhas inéditas para a preservação do habitat natural e uma vida em conformidade com as leis na natureza. Não há como separar vida e obra, no caso de Hundertwasser. Toda sua obra é diretamente resultado de sua escolha de como viver e se relacionar com o mundo externo. Nenhuma das suas atividades eram desconectadas uma das outras. Em todos seus manifestos apresentou sua visão de mundo, onde homem e natureza eram colocados em um corpo só. Tinha uma visão de mundo centrada na espiral, forma que determinaria a maneira como os indivíduos se relacionam com a realidade exterior. Para Hundertwasser, o centro de cada pessoa está em seu "ser", que ao longo da vida vai se rodeando de camadas de significação que começam a determinar sua relação com o universo.

Essa maneira de pensar sobre o ciclo da vida o levou, inevitavelmente, a pensar sobre o conceito de um cemitério ecológico. O homem, ao morrer, deveria ser incorporado pela natureza e fazer parte do ciclo natural da vida.

Nada morre, tudo se transforma. Uma pessoa deve ser enterrada somente a meio metro do chão, então uma árvore deve ser plantada sobre ela. Ela deve ser enterrada num caixão perecível, de modo que quando uma árvore for plantada ali, ela absorverá a substância humana e a incorporará. Quando você visitar essa sepultura, você não visitará um morto, você visitará um ser vivo que foi transformado numa árvore e você.
(HUNDERTWASSER, 1985)

Lutou até o fim de sua vida pelo direito do homem de viver em espaços felizes, em completa harmonia com a natureza.

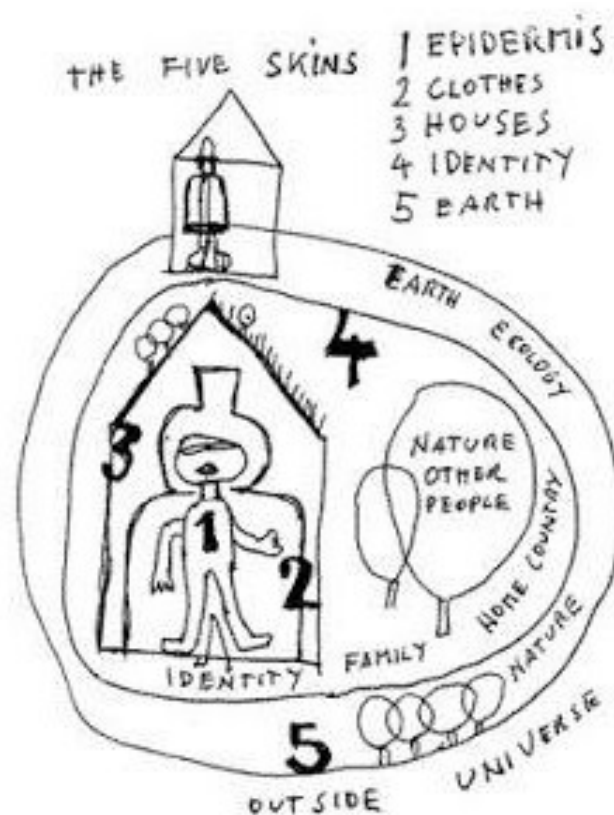
Em 19 de fevereiro de 2000, em alto mar, a bordo do navio Rainha Elizabeth II, morreu Hundertwasser. Seguindo seus desejos, ele está enterrado nu e em sua propriedade na Nova Zelândia, no Jardim dos Mortos Felizes, em baixo de uma tulipeira, que é uma árvore de crescimento rápido e efeito muito ornamental, respeitando assim sua idéia de ciclos e harmonia com a natureza, em uma espiral de vida e morte que flui infinitamente.

1.2 Experiências a partir de cinco eixos

Não é a experiência que é experienciada, e sim a natureza – pedras, plantas, animais, doenças, saúde, temperatura, eletricidade e assim por diante. Coisas interagindo de determinadas maneiras são a experiência (DEWEY, 1958, p. 4a).

Hundertwasser, em meio a todos seus manifestos, desenvolveu durante sua vida, como já dito, a teoria das cinco peles. Que fala de um corpo multi-epidérmico. De múltiplas dimensões. Um corpo de cinco peles. Um corpo que tem seu princípio em um eixo central e abstrato denominado “eu-profundo” e vai estabelecendo relações e interações, não somente existência. Um corpo que se desdobra, se desenrola...

Figura 5 - As Cinco Pele De Pessoas, 296 mm x 210 mm- Tinta sobre papel

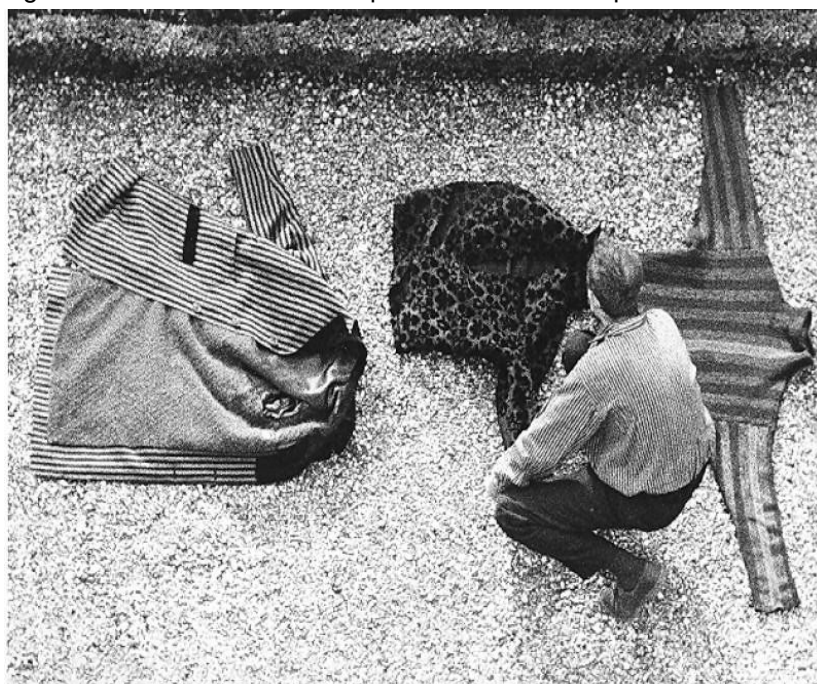


Fonte: Site hundertwasser.com

Hundertwasser projetou este desenho explicativo para o livro de Pierre Restany, famoso crítico de arte e filósofo, que escreveu “Hundertwasser: o pintor-rei das cinco peles: o poder da arte”. O pictograma representa as cinco peles que nos compõem. Em seu esquema, a epiderme seria a “primeira pele”. A materialidade do nosso corpo, essa pele que tocamos, que somos. De certa maneira essa pele é como um envelope do “eu profundo”. Essa pele é, concomitantemente, física e abstrata; uma fronteira que nos define formalmente ao mesmo tempo em que possibilita a conexão com o além-de-si. Ela é a primeira manifestação, carrega nossas marcas, cicatrizes de experiências físicas, e também é resultado das nossas vivências e abstrações.

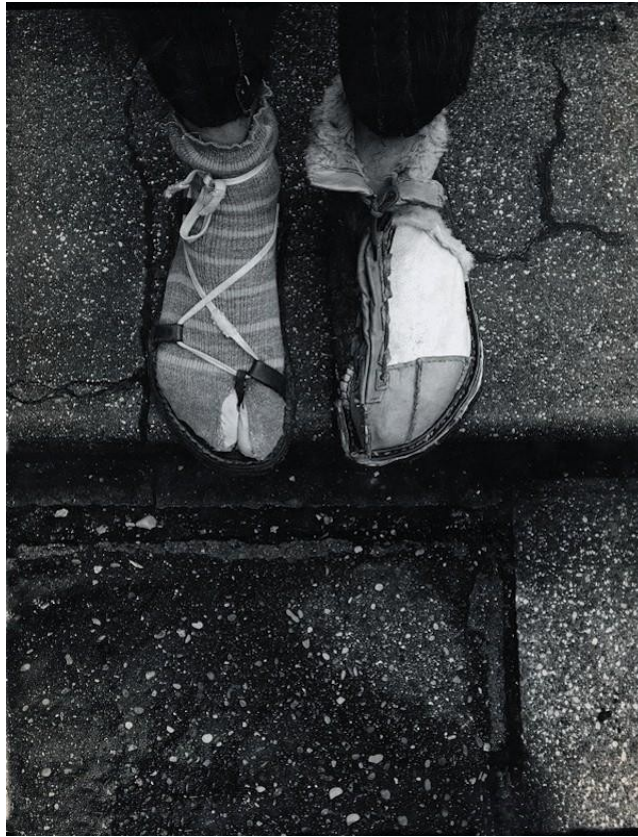
As roupas, ou “vestimenta”, seriam a “segunda pele”. Os tecidos, acessórios que escolhemos, que expressam dimensões subjetivas e tão nossas. Como de maneira material nos apresentamos para o mundo. Também tem o poder de identificar, segregar ou aproximar pessoas. Hundertwasser aponta para 3 males do vestuário: a uniformidade, a simetria e a tirania da moda. A partir disso ele questiona a fabricação e o consumo em série. Como opção, ele cria suas próprias roupas, afirmando-as como seu passaporte social, afirmando, ainda mais, o direito à diversidade. Em uma entrevista para a revista Vogue, em 1983, fala: “A roupa é como uma casa, não há razão para o interior ser menos bonito, menos agradável do que o exterior. É como pijama. Pijamas são muito agradáveis. Você pode dormir neles. Você não se sente vestido, se sente envolvido.

Figura 6 - Hundertwasser e roupas confeccionadas por ele. 1960



Fonte :Site hundertwasser.com

Figura 7 - Hundertwasser com seus sapatos de verão e inverno, confecção própria 1950



Fonte :Site hundertwasser.com

as roupas, como todos sabemos, são a Segunda Pele do homem, assim como a arquitetura é a Terceira Pele. Se a Segunda Pele ficar doente ou ficar uniforme ou não estiver de acordo com o homem, não se adequar ao homem, então o homem, ou seja, o organismo situado abaixo dela, também ficará doente. E essa é uma das principais razões pelas quais nossa civilização hoje está doente. O desejo de imitar os inúteis é particularmente pronunciado nos contemporâneos da civilização atual. A produção de peças acabadas e as roupas de fábrica estão nos afastando cada vez mais do design criativo de nossas próprias roupas, que não é apenas algo que se veste do lado de fora. Isso não é apenas um provérbio, é um fato, a verdade. (HUNDERTWASSER, 1982)

A casa surge como a “terceira pele”. Nosso ambiente, construído e decorado por nós, mais uma expressão intensa de nossa subjetividade materializada por determinadas cores, formas e materiais. Sua construção/montagem/decoração expressa outros aspectos da nossa subjetividade. O manifesto “O direito à Janela”, fala sobre isso. “Uma única pessoa pode mudar a arquitetura apenas por estar presente. A aparência da cidade será ainda mais alterada se todos fizerem isso.”

As paredes externas de nossos edifícios modernos são nossas paredes da prisão, pois são anônimas, sem emoções, agressivas, sem coração, frias e bocejando vazias. Essas são as características que privam a liberdade dos muros da prisão. Atrás de muros anônimos, os presos de campos de concentração sem direito de janela são alojados. Em uma casa, um design orgânico individualmente diferente da parede externa de cada apartamento é de fundamental importância, para que o residente possa se identificar com sua casa de fora. (HUDERTWASSER, 1967)

Figura 8 - Hundertwasser na casa com telhado de grama construída por Ivan Tarulevic na Baía da abundância. 1975



Fonte :Site hundertwasser.com

O meio social aparece como sendo a “quarta pele”. Por meio social defino o conjunto dos grupos associativos que gerem a vida de uma coletividade. Sendo o primeiro a família e indo até o grupo “nação”. Aqui, a materialidade já está sublimada, e é uma pele essencialmente coletiva. Uma pele composta por multiplicidades. Pode ser vista como a pele onde as relações com as anteriores é externalizada, nos relacionamos com outros grupos conforme nos relacionamos com as manifestações da nossa própria subjetividade.

E, enfim, o planeta, o mundo natural, a ecologia, seriam a “quinta pele”. Uma pele interminável, uma vez que se desenrola rumo ao infinito. Uma pele que conecta o corpo humano à natureza. É nesse estágio que todos os indivíduos passam a compartilhar de uma mesma pele, composta, principalmente, por elementos extra-humanos. Nessa pele que a consciência eco-naturalista de Hundertwasser reina, nesse âmbito que seus projetos arquitetônicos são realizados.

Figura 9 - Hundertwasser e seu banheiro de humos. 1978



Fonte :Site hundertwasser.com

Posso dizer que a teoria das cinco peles reúne toda a obra de Hundertwasser: cada ser humano deveria ter o direito de ter a sua pele respeitada pela sua cor e sua história; o direito de se vestir de acordo com sua vontade; o direito de ter a sua própria janela; o direito de poder interferir com criatividade na cidade; e de viver em um mundo onde a natureza e o belo são preservados.

Penso na teoria das cinco peles como sendo um disparador para pensarmos nossas relações com o mundo e de nossas experiências. Cada pele é um aspecto de tudo que vivemos e de tudo que nos constrói como indivíduo e como parte do coletivo.

1.3 Memória a partir da experiência

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma “antiexperiência”. (LARROSA, 2002, p.21)

Em sentido primário, a experiência está ligada às sensações e à percepção. Em uma situação comum, um indivíduo em meio a uma multidão no centro da cidade, capta bilhões de bytes¹ de informação, seu cérebro processa informações do ambiente, formas da arquitetura dos prédios que o cercam, características das pessoas ao seu redor, cheiros das barraquinhas de comida, percepção de temperatura e clima, o suficiente para que ele decodifique o ambiente onde está inserido. Mas existem todas aquelas outras informações que o cérebro processa em segundo plano. São referências não necessárias para aquele momento, mas que o indivíduo ainda assim capta e armazena para uso posterior ou não...

Informação são os dados que nosso cérebro processa sobre tudo o que está a nossa volta, experiência é a aplicação, em todos os sentidos, desses dados.

John Dewey, em *Experience and nature*, 1958, define que a experiência não

¹ byte é um dos tipos de dados integrais em computação. É usado com frequência para especificar o tamanho ou quantidade da memória ou da capacidade de armazenamento de um certo dispositivo, A codificação comum de byte é de 8 bits.

é um intervalo de tempo com começo e fim, é um fluxo constante entre os sentidos e com intenção de estabelecer conexões com informações pré existentes. É o processo complexo da interação entre o que acontece ao nosso redor, e do que acontece em nosso interior. Experiência é interação. Interação com todos os elementos que nos cercam. Nossas relações com o mundo, sociedade em geral, âmbito familiar, nossas coisas, como nos mostramos para o mundo e conosco mesmos.

A experiência é a interação entre nós e todas as outras peles que nos compõem. É o fluxo que circula na espiral proposta por Hundertwasser. Todo esse fluxo gera resultados, e um deles é a memória.

Quando se diz a palavra memória, a primeira que salta à evocação não é a memória das molas, dos discos ou dos computadores; é a memória das experiências individuais dos homens e dos animais, aquela que de alguma maneira se armazena no cérebro. Desde um ponto de vista prático, a memória dos homens e dos animais é o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências; a aquisição de memórias denomina-se aprendizado. As experiências são aqueles pontos intangíveis que chamamos presente. (IZQUIERDO, 2009, p.89)

Uma criança que mama no peito pela primeira vez, percebe essa experiência através dos sentidos. Porém, não existe experiência prévia para que ela possa entender o que se passa, mas esse evento se repetirá tantas vezes, que criará caminhos neurológicos que no fim produzirão sentido.

Sobre isso, Izquierdo afirma que “a repetição reforça as memórias, provavelmente recrutando cada vez mais circuitos nervosos para reforçar o armazenamento”. (IZQUIERDO, 2004, p. 37)

A maioria dos nossos hábitos diários são memórias inconscientes. Automatizamos muitas das nossas atividades sem ao menos perceber, e é esse o papel do nosso inconsciente. Cada experiência que passamos vira aprendizado/memória e parte disso é armazenado no nosso inconsciente, que tem como uma das principais funções, manter nosso equilíbrio mental. Não conseguimos guardar todas nossas experiências e manter consciência sobre todas elas, por isso existe o inconsciente. Podemos dizer que ele armazena os detalhes que, no momento, não julgamos tão fundamentais para aquele aprendizado que a

experiência estava nos propondo. Não existe memória sem aprendizado, nem existe aprendizado sem experiências. Aristóteles já disse, há 2.000 anos atrás: "Nada há no intelecto, que não tenha estado antes nos sentidos" (Apud MARSHALL, 1988, p. 378).

Memória é o que fica em nós depois das experiências que nos transpassaram. Bergson a define como um misto de percepção e lembrança: a partir de uma experiência da percepção (um convite à ação), sensações e afetividades advindas de uma profusão de reminiscências são trazidas à consciência. É um fenômeno que responde pela reelaboração do passado no presente, "ela prolonga o passado no presente" (BERGSON, 2006, p.247), e "é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e, é dos elementos sensório-motores, da ação presente, que a lembrança retira o calor que lhe confere vida" (BERGSON, 2006, p. 179).

A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração e, assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela. (BERGSON, 1999, p.77)

A memória "tem por função primeira evocar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, recordar-nos o que precedeu e o que seguiu, sugerindo-nos assim a decisão mais útil". Dessa forma, "nossa memória escolhe sucessivamente diversas imagens análogas que lança na direção da percepção nova" (BERGSON, 1999, p.116).

Para pensar a memória como material para a criação é preciso, segundo o autor, que se observem as funções do corpo e suas potencialidades em relação às imagens que lhe são exteriores. Visto que nosso corpo mantém posição privilegiada em relação às imagens e aos objetos em geral, justamente porque com o corpo estabelecemos diferentes formas de ação. "Os objetos que cercam meu corpo refletem a ação possível de meu corpo sobre eles" (BERGSON, 1999, p. 12).

Novamente nos vemos na fluidez da espiral de Hundertwasser.

1.4 Memória no processo criativo

“A âncora de qualquer extrapolação criativa vem do agenciamento da memória”

Bruno Yukio Ishisak

O processo de criação é como um aguçador da sensibilidade humana. É através desse tipo de prática que criamos ligações racionais entre nossas múltiplas experiências. Sendo assim, a arte, o ato de criar, é parte do processo de conhecimento do mundo e de si. Criar faz parte do fluxo de experiências entre nossas peles, é a ação que dá sentido às nossas relações.

A criatividade é característica intrínseca do ser humano, responsável pela capacidade de criar, desenvolver algo.

Criar é basicamente formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer campo de atividade, trata-se, nesse 'novo', de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. (OSTROWER, 1978. P.9)

Não existe desenvolvimento do ser, sem a ação da criatividade.

Trata-se, pois, de possibilidades, potencialidades, do homem que se convertem em necessidades existenciais, o homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando. (OSTROWER, 1978. p.10)

Sobre o processo criativo, Vygotski aponta dois mecanismos da imaginação criadora. O primeiro é a criação como uma gestação. Existe um período vasto onde o ser criador estabelece inúmeras relações, realiza experiências, estudos, até encontrar algo que satisfaça seus anseios. O segundo mecanismo é associação. Que é quando acontece uma combinação de imagens que se ajustam para formar um sistema. esse caso o ambiente externo é de suma importância. Pois é no

ambiente externo que temos nossas vivências e experiências, e o que fica de cada uma é material para nossas memórias, e memória é combustível para criação.

Somos o que Fayga Ostrower chama de Ser Consciente-Sensível-Cultural. O ato da criação nasce na intuição, é inerente ao ser, mas seu processo continua na consciência, na observação e interação com o mundo. Constitui uma ação sobre o externo, sendo que a percepção dos eventos proporciona novas relações quando passa-pela subjetividade, pois o indivíduo está sempre criando relações entre o que está ativo em seu interior e no seu entorno. Para Fayga, em *Criatividade e Processo de Criação* (1977), quem cria está interpretando o mundo, e se tornando um agente transformador. Isso se concretiza a partir da observação individual do mundo, e como isso é particular, origina novas formas.

A execução da produção proporciona um novo olhar sobre um fenômeno, por isso é necessário que o ser criador esteja atento, que se torne sensível aos estímulos externos de interação, que capte elementos dessa realidade e canalize-os para a sua subjetividade, permitindo uma nova configuração, um olhar individual. Eis que, então, a criatividade surge a partir da sensibilidade do indivíduo com relação ao meio em que está inserido, configurando um fluxo entre o que se capta do meio cultural e como o criador age sobre ele e o interpreta a partir de seu trabalho.

Ponto imprescindível em nossa subjetividade é a memória. Ela está sempre em um fluxo que envolve o novo e os fragmentos de lembranças, se reconfigurando e criando novas possibilidades conforme suas novas vivências. São formas de compreender as próprias vivências anteriores, resignificando-as. Portanto, o homem está em constante processo, criando relações entre elementos interiores e exteriores, gerando novas formas de expressão e significação.

O indivíduo passa a cumprir um outro papel no processo criativo: ele não é somente aquele que estabelece os critérios, que decide por um ou outro material ou técnica. A atuação da memória faz com que o indivíduo seja parte elementar da composição. Esse fluxo constante é o que estabelece nossas relações e ligação com nossas peles. De certa forma, é o que traz sentido à espiral.

Nossa quarta pele é composta por nossas relações sociais, e é necessário perceber a importância dela em nossos processos de criação. O fluxo não acontece somente com nossas leituras do mundo e resignificações de nossas memórias. Parte disso surge por nossa interação com o outro. É necessário estar aberto às experiências que o meio nos oferece, interpretar e sentir o mundo dos outros ao

nosso redor. Em contato com os outros indivíduos envolvidos no processo, para que a criatividade flua, é preciso estar aberto ao outro, percebê-lo em seus gestos, expressões, ações, pensamentos e crenças. Há um encontro de subjetividades, de interpretações diferentes do mundo, por isso é preciso se deixar afetar pelo outro: o que ele faz, terá ressonância no que é feito por mim e vice versa. Num fluxo constante de experiências - memória - ressignificação.

E creio que esse acaba sendo um dos propósitos da docência em artes visuais, conseguir sensibilizar e ampliar a capacidade perceptiva do aluno para essas questões de troca consciente com o mundo. A proposição de atividades que auxiliem na conscientização de existência de várias camadas de interação com o lado externo. Como se perceber nesse grande esquema de interações e como criar a partir dessas experiências.

2. Um planejamento, muitos alunos e uma professora

Como demanda do processo de graduação em licenciatura, é exigido que além do trabalho de pesquisa, cumpramos um período em sala de aula, que deveria funcionar como uma pequena amostra da vida real, enquanto professor.

É uma experiência, uma vivência, um momento de aprendizado. Foi necessário me inserir em uma instituição de ensino, conhecer as turmas, criar um projeto de ensino, transitar no ambiente escolar como esse ser do limbo que é a figura do estagiário, onde não se é mais aluno, mas também não se é bem professor ainda...ou, uma mistura dos dois. Descobrir como é estar em frente a uma turma, como vivenciar tudo que acontece e contribuir para que isso se torne uma experiência significativa para todos os envolvidos.

Também foi preciso conseguir traçar paralelos múltiplos entre fundamentos teóricos e prática em sala de aula. Tencionar os principais eixos desse estágio, o eu docente, o conhecimento adquirido na universidade, as vivências em sala de aula.

Escrevi sobre experiência, sobre memórias, sobre marcas que ficam em nós. Porém, nesse momento, sinto que escrever sobre tudo isso ainda é mais fácil que colocar em prática. Ou pelo menos, parece mais organizado. E este capítulo será sobre isso, sobre o processo de sair da parte teórica de minha pesquisa, e me aventurar pela parte prática, o estágio obrigatório.

Simple, muito simple. Até o momento em que me deparo com uma sala de aula com 32 alunos pré adolescentes.

2.1 Antes: Minha proposta educativa

Meu objetivo com a proposta educativa, inicialmente, era ter a oportunidade de perceber as manifestações das memórias dos alunos no processo criativo e na produção de cada um. Mas com o tempo e leituras, fui entendendo que isso não seria tão simple, que isso é um processo subjetivo e muitas vezes longo. Não seria tão fácil observar isso em um período tão curto como o do estágio obrigatório.

Dessa forma, meu foco mudou para criar uma proposta educativa que tivesse a intenção principal de incentivar o aluno a buscar material de criação em si mesmo, onde cada um traçasse seu caminho criativo a partir de suas experiências e

memória, desenvolvendo uma poética pessoal. Onde o resultado não é o foco principal, mas que, sim, possibilitar experimentações, tanto de técnicas, de reflexões, e de maneiras de criar, determinam que o processo seja importante.

Pretendi provocar reflexão sobre a importância das vivências do indivíduo, de como sua criatividade se manifesta com base em suas experiências pessoais e na sua relação com o meio. Evidenciando a importância da percepção consciente deste processo para a formação de sua identidade, como caminho para o autoconhecimento, possibilitando a compreensão da sua singularidade como indivíduo e agente criador.

Contudo, uma vez decidido que trabalharia um projeto com fases que motivassem o aluno a procurar em si material de produção, nasceu em mim uma insegurança. Como agir, caso surja uma lembrança traumática? Algo que há muito o subconsciente se esforça para manter esquecido? Como usar material autobiográfico, sem que, por acidente, abra uma caixa de Pandora?

A idéia do autoconhecimento ligado ao fazer artístico sempre me interessou, mas tudo é processo, e, como tal, deve ser natural, no ritmo de cada um. Então, nesse ponto, eu tinha mais dúvidas que certezas em relação a como conduzir esse projeto.

Uma outra preocupação constante, enquanto pensava o projeto, era que para a elaboração das atividades que daria em sala de aula, eu necessitava conhecer minha turma, entender quem são, como se relacionam com o mundo e o ambiente a sua volta. Se para existir aprendizagem significativa, é necessário conseguir alcançar cada aluno, eu primeiro precisava conhecê-los. Entender, nem que seja em partes, quem eles são, além daqueles 45 minutos que nos encontrávamos.

Nas turmas que observei e fiz observação ativa, percebi que uma característica marcante era a agitação constante, normal da idade, mas que acaba fazendo com que eles não desenvolvam a propriedade de prestar atenção. Parece que a informação é absorvida de maneira muito superficial, e logo esquecida, existe uma dificuldade de resgate, de percepção, de tempo de pausa. Outro ponto que levanto da observação é uma espécie de dualidade das ações dos alunos, uma tensão constante entre afirmar sua identidade como indivíduo, dentro do grande grupo, assim como, também, um medo constante de se expor para a turma.

Pensei em organizar uma proposta que trabalhasse com vários aspectos da relação humana, relação com o mundo, sociedade e com nós mesmos. A partir da

idéia das cinco peles (pele, roupas, casa, sociedade, mundo natural) me guiei para criar as atividades da proposta de estágio. Cada um como um disparador para as atividades realizadas em sala de aula.

E assim nasceu o projeto “Inventário do meu mundo - Criando a partir das nossas relações com o mundo”. Minha idéia era que o aluno participasse das atividades criando sempre a partir das suas relações e vivências, assim sua memória, de certa forma, sempre estaria no resultado de seu trabalho, mesmo que não de maneira tão óbvia e explícita.

O projeto se desdobraria ao longo de 6 semanas. Os primeiros encontros seriam para apresentar o projeto e orientações gerais. E ao longo do tempo, cada atividade seria relacionada a cada pele e como o aluno se relaciona com tudo. A proposição foi criar momentos de pausa e reflexão para que cada aluno pudesse ir percebendo seu mundo e criando a partir disso. E no fim, poder ter um pequeno inventário de seu mundo, de si.

2.2 Durante: Como foi o desenrolar

Tive a oportunidade de estagiar no Colégio Estadual Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, chamado carinhosamente pela comunidade de CaJu. Fica situado no bairro Intercap. Desenvolvi meu projeto nas turmas 71 e 73 do Ensino Fundamental II, turno da tarde, com dois períodos na semana, terças-feiras e sextas-feiras. As turmas eram compostas por 32 e 25 alunos, respectivamente. E com a turma 105 do primeiro ano do Ensino Médio, do turno da noite, nas quartas-feiras, nos dois primeiros períodos. Que na chamada tem 60 alunos, mas na prática, no máximo, 12 alunos comparecem às aulas.

Como já no início das observações fiquei sozinha com as turmas do sétimo ano, utilizei várias atividades que me ajudassem a conhecer os alunos e entender parte da dinâmica própria da turma. Essas atividades me ajudaram numa forma de “diagnóstico” da turma. Logo na primeira aula, organizei roda de conversa, onde me apresentei, falei sobre meu projeto de pesquisa, e sobre minhas idéias gerais para nossas aulas, questionei sobre as técnicas que eles conheciam ou tinham interesse de trabalhar, sobre trabalhos já realizados e sobre experiências com arte no geral. A partir dessa conversa já pude perceber alguns interesses da turma. Nas aulas

seguintes, trabalhamos com linha do tempo, onde cada um produzia a sua. Dei a orientação que pensassem em fatos da vida que tenham marcado, minha intenção era que cada um experimentasse um momento de pausa e ivesse que olhar para si. A outra atividade era um auto retrato, do tamanho de uma foto instantânea². E com um questionário já voltado para o tema do projeto.

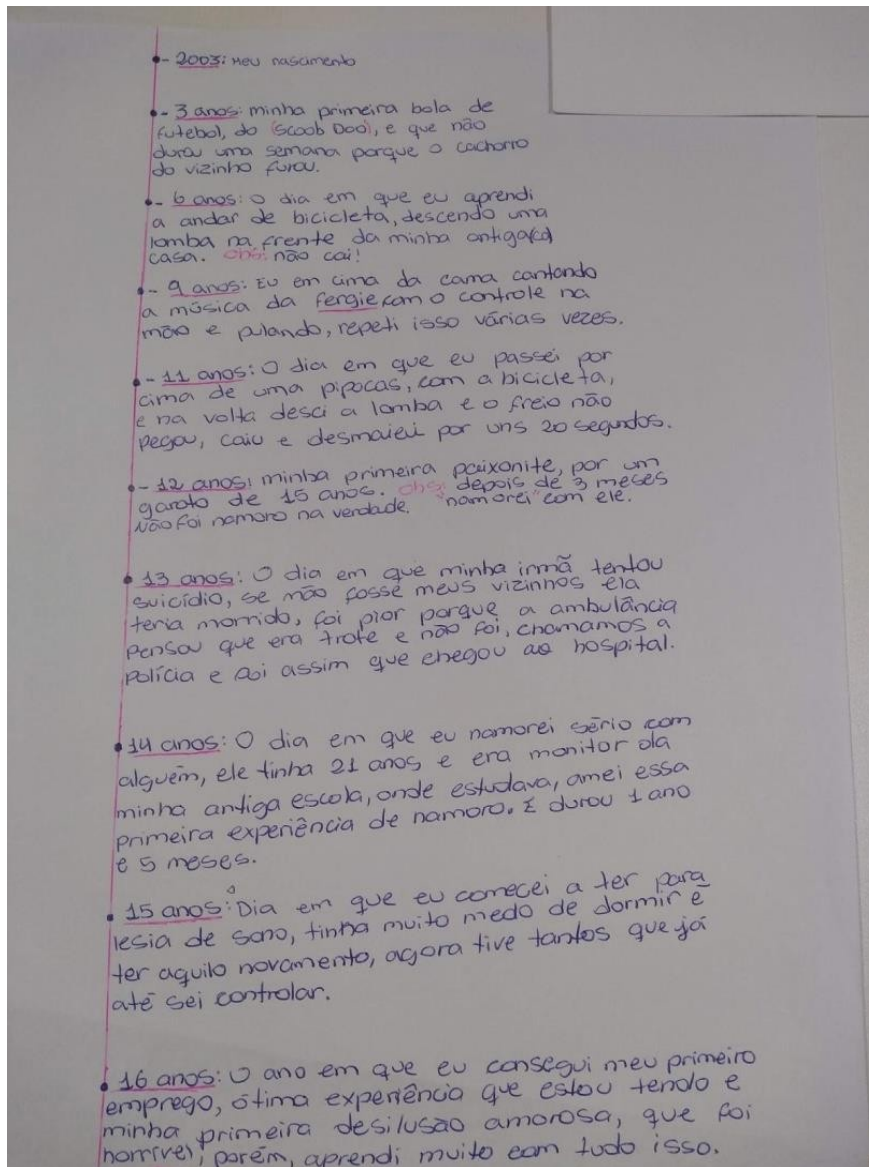
Figura 10 - Auto retratos dos alunos do 7ºano, 2019



Fonte: Arquivo Pessoal

² Retângulo de 5,7 cm X 6,7 cm.

Figura 11 - Linha do tempo de alunx do 1º do Ensino Médio. 2019



Fonte: Arquivo Pessoal

Passado esse tempo que era destinado à observação da turma, comecei de fato o desenvolvimento do projeto.

Como já mencionado, meu projeto se desenrolaria a partir da idéia das cinco peles, então apresentei Hundertwasser aos alunos e um breve cronograma das nossas aulas. A proposta geral era propor sempre momentos de pausa para observar, assimilar e pensar sobre determinado aspecto das nossas relações e do que carregamos em nós e produzir a partir disso.

Na primeira semana, que correspondia à quinta pele, o mundo natural, paramos para pensar na nossa relação com esse mundo vivo, que pulsa ao nosso redor, que é nossa casa maior e normalmente passa despercebido. Com cada turma, realizei caminhada pelo pátio, cada aluno era convidado a prestar atenção na natureza do entorno da escola, como acontece a interação entre construções do homem e a natureza que nasce sem necessitar de permissão, como a ação do homem acaba “modelando” a natureza. Quais elementos fazem parte da natureza ao redor da escola. Também durante a caminhada os alunos foram instruídos a fazer coleta de pequenos objetos naturais, que se encontravam no pátio. Depois da conversa e coleta, foram produzidas pequenas aquarelas baseadas nos elementos recolhidos.

Figura 12 - Aquarelas alunx H73. 2019



Fonte: Arquivo Pessoal

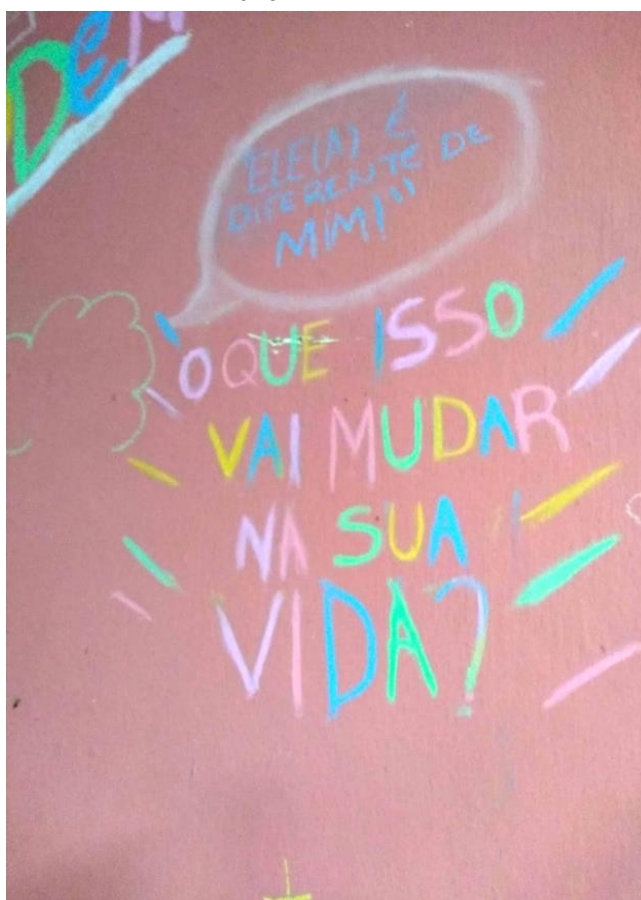
Na segunda parte do projeto, a quarta pele, correspondente às relações sociais, escolhi a escola como representante dessas relações. Então o foco era a relação indivíduo - escola. Nesse momento do projeto segui com as turmas do sétimo ano por um caminho e por outro com o Ensino Médio.

Nas turmas de sétimo ano, comecei com a proposta de criação de um texto que falasse sobre essa relação, incentivei a lembrarem de eventos da escola, a

pensarem sobre os espaços ecolare, aos quais ele tem acesso e/ou ele frequenta, tentar se reconhecer como indivíduo ativo nesse espaço.

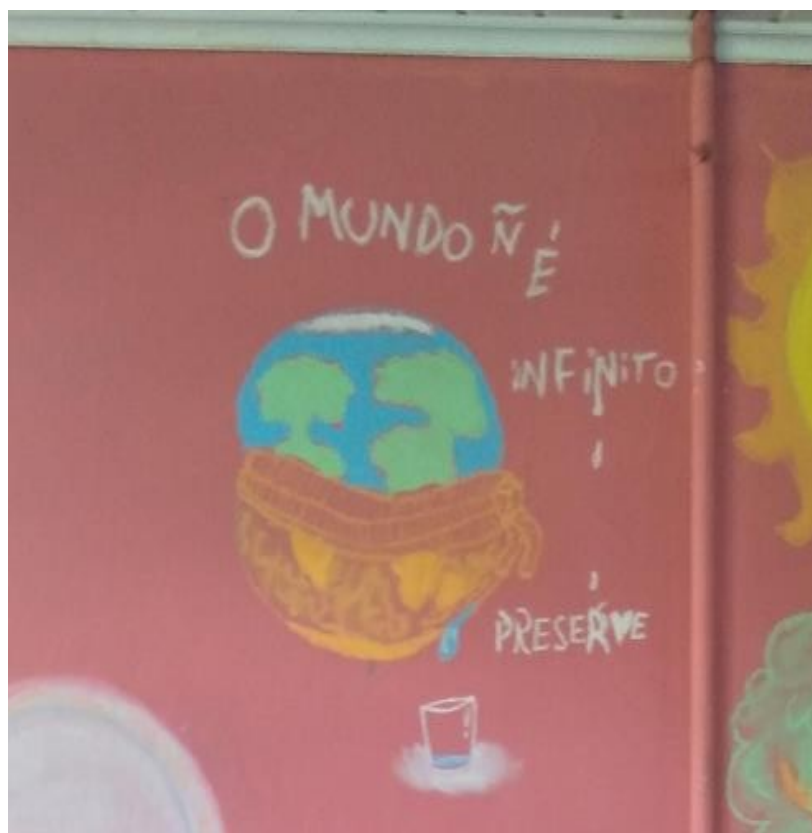
Depois dos textos escritos, a proposição era a turma se dividir em pequenos grupos e criar um desenho coletivo, que de alguma maneira refletisse o que eles escreveram, que seria o rascunho para um grafite de giz, nas paredes da sala de artes, propondo, que o aluno sentisse se apoderando da sala, que percebi, durante o estágio, estar esquecida. Os textos foram bem autobiograficos e carregados de queixas sobre sobre bullying, racismo e machismo. A maioria dos alunos escolheu produzir com temas da sociedade em geral, então surgiram desenhos sobre a importância do cuidado com o planeta, sobre violências que sofremos, sobre preconceitos...

Figura 13 - Desenho coletivo grupo IV – Ele é diferente de mim. 2019



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 14 – Desenho coletivo grupo II – Mundo-cérebro. 2019



Fonte: Arquivo Pessoal

Com a turma do Ensino Médio, depois de uma conversa mapeando os espaços escolares que os alunos mais frequentavam, e pensando sobre essa interação* e as relações que esse espaço proporcionava, a proposta era criar desenhos dos espaços favoritos de cada um, e a partir disso criar uma grande “planta baixa” da escola, para poder pensar sobre quais ambientes eles mais frequentavam, quais motivos, quais espaços se repetiam e quais nem foram lembrados...

Depois de todos os desenhos reunidos, propus uma caminhada pela escola para fotografar detalhes dos ambientes. Imprimi as fotos e a turma foi colando em cima da planta do colégio, conforme iam identificando os detalhes e onde eles estavam na escola.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 16 - Detalhe da escola fotografado por A105. 2019



Fonte: Arquivo Pessoal

A relação dos alunos do Ensino Fundamental com a escola é muito diferente da relação dos alunos do Ensino Médio. A turma da noite acaba tendo uma relação mais automática, os trajetos dentro da escola são mais restritos, normalmente é portão – refeitório – sala de aula – portão. O local não é explorado e muitos ambientes da escola acabam não freqüentados, como as quadras de esporte.

Os objetos pessoais vieram como representantes da terceira pele, aqueles que falam tanto da nossa essência e individualidade, os que escolhemos para nos

representar. A proposta foi que cada aluno trouxesse um artigo afetivo e a partir da relação e história com esse objeto, cada um criaria uma escrita e tendo como base nessa produção, pensar como expressar visualmente o que foi escrito. Apresentei a idéia e exemplos de poesia concreta.

A segunda pele, sobre nossas roupas, foi abordada a partir da identidade de cada um. A orientação da tarefa era criar um desenho de si mesmo, como bonecas de papel, colocar nesse boneco suas características físicas e criar roupas fora do comum, que representassem a identidade de cada um. A proposta era “se você pudesse criar uma roupa do jeito que você quisesse, como ela seria?”. Muitos alunos criaram roupas de super heróis, mas o que me chamou atenção foi o desenho do aluno GT71, que escolheu se desenhar de vestido. “Se eu pudesse usar qualquer coisa que eu quisesse, seria um vestido bem lindo.”

Figura 17 - Desenho do aluno GT71 –
Vestido bem lindo. 2019



Fonte: Arquivo Pessoal

Para finalizar o projeto, e trabalhar a primeira pele, o EU, o planejamento era que cada aluno, através de uma espécie de curadoria dos trabalhos que foram realizados em aula, e algum se representasse. Que os trabalhos escolhidos para apresentar fossem de alguma maneira refletir a construção da identidade e mostrar as vivências. Porém, na semana em que isso aconteceria, começou a greve dos professores estaduais, contra o pacote de medidas do governador do Rio Grande do

Sul, Eduardo Leite, que ataca o funcionalismo público, com a destruição do plano de carreira dos professores e ataque à organização sindical dos servidores.

2.3 Depois : O que ficou em mim

Foram sete anos de universidade, um ano muito exaustivo, e quase três meses de vivências dentro do ambiente escolar. E aquele grande clichê, sobre a prática sempre ser diferente da teoria, não poderia ser mais verdadeiro. Inicialmente eu ficaria com as turmas por seis semanas, totalizando o mínimo de 20h em sala de aula, exigidas no estágio. Em meio à paralisações e greve dos professores estaduais, palestras para as turmas, uma catapora nunca imaginada por mim, mudanças de horários pela falta de professores, e outros muitos imprevistos, acabei ficando doze semanas, e assim mesmo algumas coisas ficaram para trás.

O estágio tem como objetivo nos dar um pequeno vislumbre de como é a vida na docência. Então, pela primeira vez, eu estava na frente de uma turma como “A” professora. Não tinha mais como fugir, era eu e 32 adolescentes em uma sala colorida. Ter essa experiência, além de ajudar a pensar e entender o funcionamento prático de estar inserida, como professora, no sistema da Educação Básica, também auxiliou a pensar sobre a nossa prática docente como arte educador.

“Eles são como nós, estão todos cansados e perdidos” essa foi a primeira anotação que fiz quando cheguei ao colégio. A princípio estava falando dos docentes que estavam na sala dos professores, mas com o tempo fui vendo que essa análise também cabia ao grupo de alunos.

Algo que fui percebendo, é que a escola acaba sendo um palco para a maior parte dos acontecimentos da vida dos alunos. As aulas e atividades da escola acabam sendo só um plano de fundo para todas as interações pessoais que acontecem entre eles. O que realmente importa são as conversas entre os períodos, quem andou com quem no recreio, qual festa vai acontecer no fim de semana, quanto é o ingresso *VIP*, quem está “ficando” com quem, e todas as histórias paralelas que envolvem tudo isso. Saber sobre um austríaco que tinha umas idéias mirabolantes e pintava uns quadros coloridos e falava de cinco peles, é algo que quase não fazia sentido. Exercitar a expressão do *eu* através de linguagem artística não era prioridade.

E assim, encontrei meu primeiro desafio; como tornar as coisas interessantes

para os alunos? Como fazer com que o que estou propondo, faça sentido, mas sem desmerecer as experiências que eles estão vivendo, que são tão importantes. Durante esse processo tentei me abrir ao máximo para ouvir quando eles vinham me contar sobre algo que tinha acontecido, algum fato sobre a vida deles, e com isso fui percebendo que, assim, eu acabava compreendendo o funcionamento de cada um em sala de aula. Um exemplo disso foi saber que o aluno H, que tem aula comigo no último período de sexta-feira, sempre ganhava, nesse dia, a noite, cinco reais do pai, me ajuda a entender por que ele está mais agitado no fim da aula. Ou saber que a aluna B namora com um aluno do oitavo ano, que fica na sala ao lado, e, por isso, ela sempre pedia para sair da sala várias vezes durante a aula. Muitas vezes, as histórias são mais complexas e delicadas, como entender que a aluna M, falta muitas aulas, e quando volta, está dispersa, porque está enfrentando um momento de problemas psicológicos, que há semanas em que passa internada... Assim, aos poucos fui percebendo os nuances de cada turma, as variações de humor, e períodos de agitação coletiva.

Pude entender que a arte vai fazendo sentido para os alunos, à medida que percebem que podem usá-la como expressão, e, dessa forma, ir ajudando cada um a quebrar suas pré concepções sobre arte, de desenho bonito, de padrões de beleza da arte.

Nas turmas que acompanhei no Ensino Fundamental II, a disciplina era uma questão de proporções maiores. Existia uma tendência a testar minha autoridade como professora, a não respeitar os espaços dos colegas, a agressão física e o bullying como forma de brincadeiras, e isso se tornou mais uma questão com que eu deveria aprender a lidar. A escola é engajada no combate a preconceitos e violências. Em todos os corredores há cartazes de projetos nessa linha, palestras sobre o assunto, e pelo relato de muitos alunos isto realmente melhorou o convívio. Entretanto, dentro da sala de aula, algumas coisas ainda aconteciam. No início do projeto, dediquei uma das aulas para discutirmos sobre alguns acordos, que envolviam alguns comportamentos que eu esperava deles e outros que não toleraria. Por algum tempo deu certo, mas no meio do projeto, retomei a discussão sobre esse acordo e mantivemos algumas coisas e adaptamos outras. E tive pouquíssimos casos de indisciplina. Descobri que criar acordos com os alunos é uma tática que funciona, explicar tudo muito claramente e fazer com que entendam que existem comportamentos que em determinados ambientes não são tolerados.

“*Sora, o que era mesmo para fazer?*” com toda certeza, foi a frase que mais escutei nesse período. Mesmo que eu já tivesse explicado algumas vezes. Fui percebendo que dar instruções para a sala toda, posicionada na frente da turma, seguindo aquele modelo bem tradicional, não funcionava. Informações dadas no geral acabam se perdendo, então, em todas as aulas separei os alunos em grupos e assim conseguia dar as orientações das atividades mais focadas a cada grupo. Não foi uma tática que funcionou sem erros, porém diminuiu consideravelmente as dúvidas sobre a atividade do dia.

De fato, o estágio é uma amostra da vida em sala de aula, não dissolve os medos em relação à docência, mas serve como momento de efervescência de muitas idéias e percepções sobre nossa maneira de ser educador. Ajuda a repensar nossas idéias e convicções. Para mim, serviu para dar a certeza do caminho que quero seguir, e me apontar práticas que me ajudarão nesse trajeto. Refleti sobre a importância de momento de pausas para realmente ouvir os alunos, não só sobre os assuntos referentes às aulas, mas sobre a vida deles mesmos, sobre as experiências que compõem aquele indivíduo. Realmente criar laços de afetos. Criar parcerias.

Se experiência é algo que nos toca, o estágio foi uma grande experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa tinha como parte de seu intuito, representar o encerramento de uma fase. Formalmente ela é. Afinal é requisito parcial e obrigatório para a aprovação na graduação. Porém, ao concluir esta escrita, não sinto sentimento de finalização. O ciclo ainda não se fechou...

O tempo de desenvolver essa pesquisa e vivenciar os estágios I,II e III, foi um período de inquietação intensa. Muitas idéias surgindo, algumas já foram assimiladas, outras vindas de experiências mais recentes no estágio, vão demorar mais um tempo para assentarem.

Analisando os resultados, penso que posso separá-los em duas categorias. Os resultados que obtive da pesquisa e da prática do estágio, e os resultados desta experiência para mim. Avaliando o desenrolar da pesquisa e estágio, percebo que alcancei o propósito de relacionar minhas idéias com o trabalho de outros artistas e teóricos. A aplicação do plano de ensino nas turmas do Ensino Fundamental e Médio, correu sem grandes transtornos, e através da produção dos alunos tive um retorno além do imaginado. Poder perceber que eles se apropriaram da proposta e foram seguindo seus próprios caminhos criativos, mesmo que timidamente no início, criando a partir de suas experiências, o que era meu objetivo final.

As inseguras e medos que senti no momento de pensar um projeto de ensino, diminuíram quando percebi que não precisava trabalhar o assunto que havia escolhido, de forma tão direta. Avaliando, acredito que escolher trabalhar com a experiência como geradora de memórias, e ter a teoria das cinco peles como meio de pensar as várias camadas de interação com o mundo externo me ajudou muito no processo de pensar e organizar as atividades. Parti de uma base para escolher quais experiências iria propor e dosar o aprofundamento de cada tópico. Foi uma forma lúdica e interessante de mostrar para os alunos essas níveis de interação e relações que participamos e de trazer novas referências artísticas.

E examinando a outra série de resultados, percebo todas as mudanças, construções e reconstruções de juízos que tinha sobre a docência. Contribuindo para minha formação como educadora.

Outro aspecto que foi importante na aplicação do projeto, foi manter sempre conciente a ideia de permanecer aberta às experiências e trocas com os alunos. Estar

aberta as conversas no corredor, ouvir as histórias que aconteciam fora dos portões da escola, realmente considerar importante as trocas que estávamos tendo, e a cada fim de aula poder pensar nisso, e repensar minha relação com o eu-professora.

E assim não interromper o fluxo

Outro aspecto dessa pesquisa é colaborar com o campo da pesquisa no ensino de artes visuais, sendo assim, trago o máximo de reflexões que estão ao meu alcance no momento, para auxiliar nesse pensar e fazer artístico, intencionando contribuir com a pesquisa na área.

Por fim, talvez essa pesquisa não esteja mesmo encerrada. Concluí os requisitos obrigatórios formais, porém os resultados das experiências ainda estão em efervescência em mim, e talvez essas questões se estendam por toda minha vida de professora, e, assim, eu poderei estar sempre me questionando e ressignificando minhas memórias e pensamentos.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Trad. Paulo Neves. 2 a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGSON, Henri . **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins e Fontes, 2006.

CANTON, Katia. **Tempo e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2009

CORREA, Arthur. **Ensino das Artes Visuais**: mapeando o Processo Criativo. Santa Maria: Editora UFSM, 2008

DEWEY, John. **Experience and nature**. New York: Dover Publications, 1958.

DORATIOTO , Vanelli. **Como seria morar na ideia de um homem que sonhou**. 2015. Disponível em: <
http://obviousmag.org/alcova_moderna/2015/05/hundertwasserhouse---conjunto-habitacional-com.html>. Acesso em: agosto – novembro de 2019

FUNDAÇÃO PRIVADA SEM FINS LUCRATIVOS HUNDERTWASSER . , 2019. Disponível em: < <https://hundertwasser.com/> >. Acesso em: agosto – novembro de 2019

HUNDERTWASSER, Friedensreich. **Manifesto do Mofo contra o racionalismo em Arquitetura**.Austria,1958. Disponível em: <
https://hundertwasser.com/en/texts/original_texts_and_manifestos/ >. Acesso em: agosto – novembro de 2019

HUNDERTWASSER, Friedensreich. **Discurso nu pelo direito a terceira pele** Munique, 1967.Disponíveem:<
https://hundertwasser.com/en/texts/original_texts_and_manifestos/>.Acesso em: agosto – novembro de 2019

HUNDERTWASSER, Friedensreich. **Manifesto da Segunda Pele**. Paris, 1982. Disponível em: <https://hundertwasser.com/en/texts/original_texts_and_manifestos>. Acesso em: agosto – novembro de 2019

HUNDERTWASSER, Friedensreich. **Novos regulamentos para os enterros - reencarnação em casa**. Paris, 1985. Disponível em: <https://hundertwasser.com/en/texts/original_texts_and_manifestos/>. Acesso em: agosto – novembro de 2019

IZQUIERDO, Iván. **Memória**, Porto Alegre: Editora Artmed, 2009

IZQUIERDO, Iván. **Questões sobre memória**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

LARROSA, Jorge B . **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. in Revista Brasileira da Educação. No. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

LIMA, Leda. **Com-vivências e envelhecimento**. Porto Alegre: Editora Age, 2000

MARSHALL, John. C. 1988. **Sensation and semantics**. Nature, 334: 378

MEIRA, Marly, .PILLOTO, Silvia. **Arte, Afeto e Educação: a sensibilidade na ação pedagógica**. Porto Alegre: Mediação, 2010

MOREIRA, M. A. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1978.

TASCHEN , Angelika. **Hundertwasser Architecture: for a more human architecture in harmony with nature**. Alemanha: Taschen GmbH 1997. p. 304-309.

VIGOTSKI, Lev S. **A Imaginação e a Arte na Infância**. Relógio D'água, 2009

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo : Martins Fontes, 1994

RODRIGUES, Lucas O. **Identidade cultural**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/identidade-cultural.htm>. Acesso em 18 de junho de 2019

SANTOS, J. C. F. dos. **Aprendizagem Significativa**: modalidades de aprendizagem e o papel do professor. Porto Alegre: Mediação, 2008

APÊNDICE

APÊNDICE A - Plano De Ensino Desenvolvido Para O Estágio Obrigatório

Universidade Federal do Rio Grande Do Sul – Faculdade de Educação

Departamento de Ensino e Currículo - DEC

Estágio II e III – Docência em Artes Visuais no Ensino Médio

Profª. Paola Zordan

**EVOCAÇÃO DE MEMÓRIAS AFETIVAS NO PROCESSO CRIATIVO DE ALUNOS DA
EDUCAÇÃO BÁSICA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS**

Projeto de ensino desenvolvido por Rose
Lütz

A instituição onde estou realizando meu estágio obrigatório é o Colégio Estadual Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, carinhosamente chamado pela comunidade de Caju. Está situado no bairro Partenon, na rua Waldomiro Schapke, 11. De fácil acesso pelas avenidas Bento Gonçalves e Ipiranga.

A escola atende ensino fundamental e médio, funcionando nos turnos manhã, tarde e noite. Como grande parte das instituições de ensino Estaduais, o colégio está sofrendo com a falta de professores. A disciplina de artes está dividida com os professores de Português e História.

A comunidade do bairro se envolve muito com a escola, ajudando em pequenas reformas e festas de datas comemorativas. Também tem parcerias como clube de escoteiros e atividades de contra turno. Observei duas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental e uma turma de 1º ano do Ensino Médio.

7º ano do Ensino Fundamental – 71 e 73	
Terça-feira	13:20 – 14:50
Sexta-feira	14:05 – 17:30
1º ano do Ensino Médio - 105	

Quarta-feira	18:45 - 8:15
--------------	--------------

1.Tema

Utilizo minha pesquisa para o trabalho de conclusão do curso como base para o desenvolvimento deste projeto de ensino.

Experiências, memórias e a relação com o mundo externo no processo criativo.

2.Objetivo

Provocar reflexões sobre a importância das vivências do indivíduo, de como sua criatividade se manifesta com base em suas experiências pessoais e na sua relação com o meio. Evidenciar a importância da percepção consciente deste processo para a formação de sua identidade, caminho para o autoconhecimento, possibilitando a compreensão da sua singularidade como indivíduo e agente criador. Através das práticas em sala de aula, estabelecer um processo criativo e poético com os alunos no contexto atual da educação, em que serão trazidas, como elemento fundamental, as vivências e memórias afetivas de cada um.

Intenção principal de incentivar o aluno a buscar material de criação em si mesmo, onde cada um trace seu caminho criativo a partir de suas experiências, desenvolvendo sua poética pessoal

2. Justificativa

Escrevo em minha pesquisa para o trabalho de conclusão de curso sobre em como somos o resultado das nossas vivências, das mais conscientes até as que passam despercebidas, sempre algo fica em nós. E como isso se manifesta em nossas produções, nosso processo criativo busca essas informações.

Porém, observando as turmas, parece que a informação é absorvida de maneira muito superficial, e logo esquecida, existe uma dificuldade de resgate, de percepção, de tempo de pausa. Outro ponto que levanto da observação é uma espécie de dualidade das ações dos alunos, uma tensão constante entre afirmar sua identidade como indivíduo, dentro do grande grupo, mais também um medo constante de se expor para a turma.

Partindo da idéia de que somos o resultado de nossas experiências, um montante de informações, em constante expansão através das nossas vivências, penso em criar uma proposta educativa que tenha a intenção principal de incentivar o aluno a buscar material de criação em si mesmo, onde cada um trace seu caminho criativo a partir de suas experiências, desenvolvendo sua poética pessoal. Onde o resultado das atividades práticas não é o foco principal, mas sim a possibilidade de experimentações, tanto de técnicas, de reflexões, como de maneiras de criar, de se perceber. Onde o processo seja o que importa e que, de maneiras poéticas, auxilie o aluno na construção de sua auto percepção e identidade.

6. O projeto

Inventário do meu mundo

Criar a partir das relações com o mundo

Aula 1 - Apresentação do

projeto Conteúdo:

Apresentação do conceito do projeto e cronograma. (Primeiro período) Percepção de experiências pessoais

Objetivo

Criar um momento de pausa para cada um lembrar de detalhes da sua vida.

Metodologia

Depois da conversa inicial com a turma, da apresentação do projeto, Cada aluno criará em uma folha, sua linha de tempo, que inicia no momento do nascimento até os dias de hoje, e é completada com momentos marcantes da vida.

(também é um método de conhecer mais de cada um)

Materiais:

Cronograma

impresso Folhas

Lápis

Aulas 2 e 3 – 1ª parte – Mundo Natural**Conteúdos**

- Relações com o mundo natural
- Percepções do mundo e seus detalhes
- Experimentações com aquarela

Objetivo

Incentivar a observação dos alunos para detalhes da natureza que normalmente não notamos.

Metodologia

-Apresentação dos trabalhos dos artistas

-Caminhada pelo pátio e ambientes externo que mais frequentam da escola para colher folhas, flores, e objetos pequenos da natureza.

-Desenvolver pequenos desenhos de observação em aquarela dos objetos colhidos

Avaliação

Perceber quais elementos os alunos escolheram, quais se repetiram, quais os ambientes mais escolhidos, quais dificuldade tiveram com a atividade

Aulas 4 e 5 - Parte 2 - Sociedade que habitamos / Escola

Conteúdo

- Relações com os espaços sociais que ocupamos
- Mapeamento de espaço
- Mapeamento de percurso
- Memória coletiva

Objetivo

Provocar o pensamento dos alunos sobre os espaços da escola, aos quais ele tem acesso e/ou ele frequenta.

Se reconhecer como indivíduo ativo nesse espaço.

Metodologia

- Iniciar a aula falando sobre nossa escola e o tempo que passamos nela, incentivar que o aluno conte histórias sobre a escola, memórias de acontecimentos (gincanas, festas, brincadeiras)
- Cada aluno desenha o seu espaço favorito na escola.
- Em uma grande folha, será construída uma espécie de “planta baixa” da escola, com os desenhos de cada um. Os espaços que não foram desenhados serão desenhados a partir da memória coletiva.
- Cada aluno desenha sobre a “planta” seus percursos pela escola
- Encerrar, com uma conversa, onde paramos para perceber o que foi produzido.

Avaliação

Quais ambientes eles mais frequentam? Por quais motivos? Quais espaços se repetiram? Quais nem foram lembrados?

Aulas 6 e 7 - Parte 3 - Casa Conteúdo

- Relações com o ambiente afetivo
- Relações com nossos objetos
- Poesia Concreta

Objetivo

Construir textos que estabeleçam relações de sentido entre imagem e objeto

Metodologia

- Cada aluno escolhe e traz para aula um objeto seu que considere ter uma relação de afeto.
- A partir de referências, explicar o conceito de poesia concreta.
- Cada um criará uma escrita, pensando em sua relação com o objeto.
- A partir desse texto pensar como podemos expressar visualmente o que foi escrito.

Avaliação

Quais objetos apareceram, quais tipos de relação de afeto, como foi desenvolver a escrita, quais dificuldades surgiram

Aulas 8 e 9 - Parte 4 – Roupas

Conteúdo

- Relações com suas roupas
- Percepções de parte de sua identidade

Objetivo

Pensar sobre as diferentes representações do corpo humano, suas diferenças de formas e características estéticas. Pensar sobre as próprias características.

Metodologia

- Apresentação sobre bonecas de papel.

- Cada aluno será convidado a criar seu próprio boneco de papel.
- Propor ao aluno que ele caracterize seu boneco com o objetivo de se representar. Utilizando os materiais disponíveis para confeccionar roupas e acessórios que expressem a personalidade do boneco criado.

Materiais:

Cartolina

Retalhos de

tecido Lápis

de cor

Pequenas miçangas e adereços que podem ser incorporados nas produções

Aulas 10 e 11 - Parte5 – Eu**Conteúdo**

- Aula dedicada a exposição do trabalho final de cada um, e a discussão sobre o projeto.

Objetivo

Que o aluno, através de uma espécie de curadoria dos trabalhos que foram realizados em aula, se represente. Que os trabalhos escolhidos para apresentar possam de alguma maneira refletir a construção de sua identidade e mostrar suas vivências. Incentivar a explicação das escolhas.

Metodologia

- Cada um escolherá os trabalhos realizados durante o projeto que queira mostrar para a turma.
- Cada um terá seu tempo de apresentação.

Avaliação Geral:

Durante as atividade, o método estabelecido provocou quais reflexão nos alunos?

De que maneira as atividades propostas auxiliaram em um processo de auto percepção?

De que modos as vivências e memórias dos alunos foram resgatadas e trazidas para o fazer artístico?

REFERÊNCIAS

CANTON, Katia. **Tempo e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2009

CORREA, Arthur. **Ensino das Artes Visuais: Mapeando o Processo Criativo**. Santa Maria: Editora UFSM, 2008

DEWEY, John. **Experience and nature**. New York: Dover Publications, 1958.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**, Editora Artmed, 2009

IZQUIERDO, Iván. **Questões sobre memória**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

Larrosa, Jorge B . **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. in Revista Brasileira da Educação. No. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

MEIRA, Marly, .PILLOTO, Silvia. **Arte, Afeto e Educação: A Sensibilidade na ação Pedagógica**. Porto Alegre: Mediação, 2010

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1978.

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e Criatividade na Infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2014

VIGOTSKI, Lev S. **A Imaginação e a Arte na Infância**. Relógio D'agua, 2009

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo : Martins Fontes, 1994

APÊNDICE B - Questionário Aplicado Nas Primeriras Aulas.

1. Planeta
 - a) Lugar favorito
 - b) Lugar que detesta
 - c) Lugar que quer conhecer

2. Sociedade e Escola
 - a) Grupos que frequenta
 - b) Se a escola fosse uma cor qual seria
 - c) Relação com a escola em uma frase curta.

3. Casa/ objetos afetivos
 - a) Um cheiro que lembra sua casa
 - b) Se a casa fosse um som, qual seria
 - c) Um objeto da casa

4. Roupas
 - a) Uma roupa que incomoda
 - b) Uma roupa que ama
 - c) Uma textura

5. Eu
 - a) Uma peculiaridade sua

ANEXOS

Alguns manifestos de Hundertwasser em tradução livre.

Anexo A- A Espiral

Friedensreich Hundertwasser Novembro 1974

A espiral é o símbolo da vida e da morte. A espiral está exatamente onde a matéria sem vida se transforma em vida. É minha convicção, e acho que também está ancorada religiosamente, e os cientistas também podem confirmar que a vida de alguma forma precisa começar uma vez e que você evoluiu da massa sem vida, e isso está na forma de uma espiral.

Por exemplo, estou convencido de que o ato da criação ocorreu em forma de espiral. Diz na Bíblia que, inicialmente, eram apenas rochas sem vida, e então lentamente a vida veio. Acredito que o ato de deixar a vida se transformar em matéria morta ocorre em forma de espiral. Quando se observa os seres inferiores e superiores, se depara repetidamente com a forma espiral. As estrelas distantes se formam em formações espirais, incluindo as moléculas. Toda a nossa vida está acontecendo em espirais.

Nossa terra descreve o curso da espiral, ou seja, nós entramos em círculo, mas nunca voltamos ao ponto, o círculo não fecha, chegamos apenas perto do ponto em que estivemos. Isso é típico de uma espiral, que é um círculo aparente que não fecha.

Obviamente, a espiral foi mal compreendida ao longo do tempo, a espiral foi estilizada demais para se tornar decorativa ou uma espiral foi estilizada demais para se tornar uma espiral geométrica. Você também pode desenhar uma espiral geometricamente, com distâncias exatas entre os círculos, mas essa é uma espiral morta, porque tudo o que é geometria estéril está morto.

A espiral, como me parece, é uma espiral vegetativa que apresenta protuberâncias onde as linhas se tornam mais espessas e mais finas, como um corte em uma árvore, com a diferença de que não são círculos que estão um no

outro, mas que sim. apenas uma espiral. Você pode falar sobre a espiral por um longo tempo, e também há outras coisas, por exemplo, se a espiral é direita ou esquerda do centro. Suástica e sinais budistas vire à direita. Eu não consigo explicar o significado.

Quando uma espiral gira no sentido anti-horário de fora para dentro, é uma boa morte; se girar no sentido horário, é uma morte ruim.

Se ela se virar para a direita no sentido horário é um nascimento ruim, se ela se virar no sentido anti-horário é um bom nascimento.

No hemisfério sul, é o contrário.

No hemisfério norte, um redemoinho gira ao contrário do sul. Também em uma pia.

Os cristais não são formas geométricas, como se suspeitava anteriormente, mas se desenvolvem em forma de espiral, à maneira de escadas em espiral. Se você observar microscopicamente a superfície do cristal, poderá ver claramente os degraus da escada em espiral.

A espiral significa vida e morte em todas as direções. Externamente, ela corre para o nascimento, para a vida e, em seguida, através de uma área aparentemente muito grande, extraterrestre e não mais mensurável.

Internamente, condensa-se à vida por meio da concentração e, em regiões infinitamente pequenas, torna-se novamente o que chamamos de morte, porque ilude nossa percepção mensurável.

Minha espiral cresce e morre vegetativamente, ou seja, os caminhos em espiral são semelhantes aos meandros dos rios, de acordo com a lei do crescimento das plantas. Não forço o processo, mas deixe-me guiar. Dessa forma, eu não posso cometer erros.

Anexo B - Sobre A Segunda Pele

Friedensreich Hundertwasser Novembro de 1982

O homem tem três peles: nasce com o primeiro, o segundo é o vestido e o terceiro é a fachada de sua casa. Sou contra o conformismo, a moda que muda a cada ano. Esse não era o caso no passado. A moda existe há cerca de cem anos, antes havia apenas roupas. As roupas são como uma casa, não há razão para que o interior seja menos bonito, menos agradável que o exterior. É como um pijama. Pijamas são muito confortáveis. Você pode dormir nela. No meu terno também. Você não se sente atraído, mas envolvido. Parece muito mais confortável em um terno que é muito grande. As mangas são muito longas e sem franjas. Eles cobrem suas mãos, mas você se sente seguro. Eles não são revestidos, mas terminam em uma espécie de franja natural.

Até os botões são todos diferentes, tanto em termos de forma como de cores. Eles são o resultado de uma longa pesquisa. É muito mais engraçado, muito mais interessante. Os locais onde são costurados são simbólicos (coração, estômago, órgãos sexuais, pescoço). Minhas meias também são diferentes. A esquerda e a direita nunca são as mesmas. A arte é reuni-los.

Adoro listras e, como os tecidos sempre se dobram, em ondas, a impressão visual nunca é a de uma linha rígida e reta, principalmente se o vestido não for passado a ferro. É patológico, sempre quero passar tudo. Lave sim, passe não. Um vestido amassado parece muito mais distante, muito mais quente. Passar é um luxo supérfluo.

A gravata? Por que as pessoas sempre querem pendurar a corda no pescoço? Suas roupas, no escritório, por exemplo, são verdadeiros objetos de tortura. Está tudo apertado. E então eles não usam chapéus. Que pena! É uma coisa ótima, o chapéu para um homem. Isso aumenta sua estatura. Dá importância a ele. Quanto mais alto ele estiver, melhor.

Um aspecto é que as roupas sempre foram niveladas. As roupas do rei, do governante, do papa e do artista, seja um músico como Beethoven, Schubert ou um pintor como Makart, Michelangelo, Rafael, e, é claro, todos os príncipes, cavaleiros etc. sempre se distinguiram dos artesãos Camponeses, soldados e o resto do povo. Todos estavam orgulhosos de suas roupas, que eram especiais e diferentes. As pessoas tinham menos a dizer, como é hoje, seja espiritual, seja artístico, seja o

poder, seja em termos de religiosidade. As exibições da Sociedade sempre se distinguiam com roupas diferentes, mais refinadas e preciosas, o imperador com a coroa dupla, o rei com a coroa simples e até os príncipes tinham coroas e roupas roxas.

Agora é assim que temos um tempo muito ruim. Os responsáveis, os presidentes, os cardeais, até os reis, os magnatas dos negócios, os principais políticos, todos os que estão à frente, inclusive os artistas, seja na indústria cinematográfica ou na pintura, todos os que estão no centro das atenções, por assim dizer são caracterizados pelo fato de que desejam ser o mais anônimos possível, de que não devem ser distinguidos das pessoas comuns. É como se eles quisessem ceder, com as roupas especiais também queriam assumir toda a responsabilidade. Por exemplo, um diretor de banco fará tudo para ser indistinguível dos mais simples funcionários do banco. O diretor do banco está até confuso com o funcionário do banco. Parece quase que providências foram feitas para o diretor do banco, o rei, o presidente pode fugir imediatamente e mergulhar na multidão. Ele tem, por assim dizer, uma roupa de camuflagem, que ele sempre usa.

Todos são enfatizados em roupas anônimas, digamos roupas comuns. No entanto, as pessoas que ocupam posições importantes também devem diferir em suas roupas. Não sei se a coragem faz parte disso, é claro, assim como o sol brilha mais forte, diferentemente do que, por exemplo, a lua ou um poste de luz.

E agora chego a outro ponto: a roupa é, como você sabe, a segunda pele do homem, assim como a arquitetura é a terceira pele. Se a segunda pele estiver doente ou uniformizada ou não corresponder à pessoa que não combina com o ser humano, o ser humano, ou seja, o organismo por trás dela, também ficará doente. E esse é um dos principais momentos em que nossa civilização está doente hoje. A imitação da inutilidade é especialmente pronunciada entre os contemporâneos da civilização atual. A pré-fabricação e a montagem da fábrica continuam a nos remover do design criativo de nossas roupas, que não é apenas uma estrutura que você carrega do lado de fora. Porque roupas fazem as pessoas. Isso não é um ditado, mas é um fato, a verdade:

Por exemplo, se você veste o casaco de um imperador, coloca uma coroa nele e a coloca no meio de outras pessoas, a partir do momento em que você se torna imperador, as pessoas de repente olham para você. Se ele então não foge e joga tudo fora do medo e do horror, o que geralmente acontece quando guarda as

insígnias, ele se torna, a partir desse momento, um estranho da sociedade, uma pessoa marcada. Ele é ridicularizado, insultado e ridicularizado, criticado. A partir desse momento ele já está fora da sociedade. Se ele é forte, ele agora se oporá a algo tão forte quanto a massa que zomba dele. E assim ele chega a uma posição semelhante à de um rei. Ele se torna um rei.

É de extrema importância que a segunda pele se cure. Eu pratico isso há muito tempo. Minha pintura, meus pensamentos, minha aparência externa e também a arquitetura ao meu redor devem formar uma unidade. Desde 1949, desenhei roupas para mim. Também eram sapatos e meias. Por exemplo, fui eu que usei duas meias diferentes por vinte anos, primeiro inconscientemente e depois conscientemente. Sempre me perguntaram: Sr. Hundertwasser, por que você está usando duas meias diferentes? Minha resposta estereotipada: Por que você usa duas meias idênticas?

O fato de a roupa ser simétrica também representa um dos fracassos de nossa sociedade tipificada: a roupa nunca costumava ser completamente simétrica. Até as roupas dos três mosqueteiros, que são as roupas até a Idade Média, até os séculos XVI e XVII, eram assimétricas. Isso foi especialmente evidente na Idade Média. Havia uma perna de calça vermelha à direita e uma perna de calça verde à esquerda, como na pintura de Paolo Uccello intitulada "La Battaglia di San Romano". As calças estavam desequilibradas como o resto das roupas; os chapéus estavam desequilibrados, como as penas, que você ainda usa agora. Os chapéus ainda estão desequilibrados hoje. A arte de Gamsb está na diagonal atrás e não exatamente na frente ou exatamente atrás ou direita e esquerda ao mesmo tempo.

A simetria prejudicou muito a moda.

Agora volto aos ditames dos povos da moda para falar os ditames da Modemafia. A Modemafia é realmente tão ruim, se não pior, que a máfia da arte moderna. O Modemafia está localizado em Paris, em Nova York, nas grandes cidades, também na Alemanha. Eles são verdadeiros exploradores e calculam e calculam com a estupidez do povo e, especialmente, com a estupidez do sexo das mulheres. Os homens não caíram na armadilha da Modemafia, mas dos uniformes ineficazes e irracionais, o que é tão ruim quanto.

Os homens usam roupas estressadas e niveladas. Sempre a mesma calça cinza. Não é preto, nem branco, nem verde, nem amarelo; as calças não são roxas, nem marrons; as calças masculinas são cinza. Se você for a uma loja de

departamentos e pedir calças masculinas, verá centenas de calças masculinas, todas cinza. É claro que existem leves tonalidades, diferenças muito pequenas, listras que você quase não vê mais. Portanto, você não pode comprar calças masculinas, que têm listras muito claras, por exemplo, de uma a duas polegadas de largura. É impossível, não está lá.

O mesmo se aplica à camisa masculina, ao casaco masculino, aos sapatos masculinos e à gravata. Assim, a moda masculina é escravizada sem que os homens saibam disso. Portanto, existem dois tipos de dependências: as mulheres são dependentes da Modemafia, os homens de um nível assustador, que agora dura de 100 a 150 anos. Um homem não pode fazer um teste para um emprego em qualquer lugar, como em um banco, quando não está vestindo calça cinza, camisa branca, jaqueta cinza e gravata cinza. Só então ele tem a chance de deixá-lo entrar para uma conversa. No entanto, se ele tiver uma gravata colorida ou algo fora do comum com suas roupas, ele não chegará aonde pode fazer o teste, por mais capaz que seja. Tanto a moda feminina quanto a masculina são totalmente escravizadas.

Desde 1949, eu tenho tentado sair de novo e de novo, como artista e como ser humano, do uniforme obrigatório imposto a todos nós por uma transformação individual da minha Segunda Pele, ou seja, o que foi chamado de "roupas criativas" anos depois. Costurei minhas próprias calças e camisas, fiz blusas, sapatos e sandálias. No começo, só me ridicularizava, como se eu fosse um tolo inofensivo. Então chamaram isso de susto burguês, depois cálculo, mordança, golpe e publicidade. Nunca como isso, o que realmente é. É difícil permanecer fiel a mim mesmo sob essas acusações más e distorções da verdade, e continuar no caminho certo de maneira aberta, positiva e vulnerável, o que às vezes é igual à manobra.

Quanto nossa moda, nossas roupas estão erradas, obsoletas e apenas voltadas para a externalidade, é facilmente comprovada pelo fato de que alguém revira essas mesmas roupas, de dentro para fora. Pegue a calça, a camisa, a saia, o casaco, seja de roupa masculina ou feminina, tire tudo, coloque tudo de novo e coloque tudo de novo, mas para que o interior fique do lado de fora. E assim você segue a estrada entre as pessoas. Alguém ficará com vergonha, porque o interior de nossas roupas é horrível. Costuras e costuras mal costuradas são visíveis e o forro e os fios com cores de vergonha pendem em todas as direções. O interior deve ser tão perfeito quanto o exterior.

Eu tentei várias vezes convencer Schneider a costurar calças com costuras

lindamente costuradas viradas para fora, de modo que o interior e o exterior sejam diferentes, mas igualmente bonitos de usar. Tentei desfiar as mangas, as pernas das calças e as franjas da saia, em vez de franjá-las. Tentei fazer com que os alfaiates entendessem que o vinco deveria ser idêntico à costura, que os botões deveriam ter cores e tamanhos diferentes, o que resultaria em maior variedade. Porque todos os botões precisam ser iguais? Por que todas as janelas precisam ser iguais?

Tentei mover os alfaiates para fazer roupas de dois tecidos diferentes, onde uma manga ou parte de uma manga pode ficar quieta com outro tecido de uma cor diferente, e que a abordagem, ou seja, onde o segundo tecido começa, pode calmamente deixar ao acaso. Você adapta desde que tenha um estoque e depois continua com outro. Deve ser chamado de "retalhos" por minha causa, embora isso seja mais um palavrão depreciativo. Mas é como correr contra uma parede.

É como tentar construir uma casa decente com um arquiteto, irregular, com irregularidades descontroladas onde fica o lado direito da janela, onde cúpulas douradas brilham ao sol, onde árvores crescem pela janela. As pessoas não suportam isso, não conseguem entender isso, porque estão muito apegadas à mentalidade da Bauhaus. Uma mentalidade semelhante da Bauhaus também existe entre os alfaiates. Eles não são capazes, eles não podem fazer nada. Eles estão com medo. Eles acham que é contra a honra da guilda. Eles acreditam que, quando se espalha que eles "fizeram algo assim", eles são privados do título do campeonato ou não recebem mais nenhum pedido.

Nos últimos trinta anos, costurei várias peças de roupa eu mesmo ou, com muitas cólicas, as produzi contra a vontade de vários alfaiates. Listras verticais são uma das principais características de minha roupa, provavelmente seguindo inconscientemente meu princípio orientador: a horizontal pertence à natureza, a vertical ao homem. Como o design do tecido é miserável e cada vez mais chato e trivial na Europa, eu mesmo costuro tiras de tecidos diferentes, mesmo que sejam de tipos diferentes, como veludo e linho real. E, claro, meus ternos e calças são reversíveis.

Por que as pessoas atuais não usam chapéus? Por que, em particular, não mais chapéus altos? Por exemplo, chapéus de cilindro? Os chapéus altos são o que enfatiza o homem, o homem, assim como as mulheres de sapatos altos. Os sapatos altos também eram usados por homens. Eram palafitas, como eram usadas no Japão. Quem usa chapéu alto se levanta, e na verdade ele fica mais alto. O homem

pode se estender para baixo e para cima. Por que isso não é feito? Por que todos têm um medo embaraçoso de serem notados?

É interessante que os chapéus altos também as coroas foram abolidas, e agora ninguém se atreve a usar chapéu alto, por puro medo de ser considerado rei, capitalista ou desprezível. Não sei como aconteceu que a beleza das roupas, bem como a beleza dos chapéus, se tornou sinônimo da idéia de um homem mau. Isso é uma loucura completa. Quem veste roupas bonitas, não é uma pessoa má.

Pelo contrário. Alguém que veste roupas uniformes é como alguém que foge da responsabilidade. Teria que acontecer que os responsáveis de hoje tenham a coragem de se vestir de acordo. Você teria que dizer para si mesmo: eu tenho uma responsabilidade e preciso mostrá-la para o exterior na forma de um vestido especial, por exemplo na forma de uma coroa, um cetro, uma roupa de veludo e sapatos especiais e assim por diante. Escusado será dizer que se reconhece: isso é sobre o juiz. Mas os padres e juizes modernos apenas se vestem na antecâmara e só então entram na igreja ou no tribunal. Imediatamente após a missa, após o julgamento, eles tiram suas vestes brilhantes e tiram as perucas como se fossem apenas atores. Voce tem medo ser reconhecido na rua como juiz ou padre. Essa é a roupa.

Esse ditado de moda da Modemafia deve ser quebrado, ou seja, é preciso dizer às pessoas como elas são estúpidas quando se cegam cegamente a qualquer moda. Estúpidos como um bando de galinhas hipnotizadas, eles ditam uma nova moda a cada poucos meses, um mais absurdo que o outro. Mas 1983 é tão bonito, o sol estava tão quente, a neve estava tão branca quanto em 1977 e, no entanto, as mulheres tinham que usar uma moda muito diferente em que congelavam, contraindo doenças crônicas, como uma A regra de minimodo era. Ou eles tiveram que se amarrar ou pegaram calos. Não é o clima, mas a moda dita, se as mulheres são quentes ou frias, se se sentem bem ou mal, se podem se mover ou não.

Isso é algo incrível. As roupas são eternas, assim como a arte. As roupas precisam se tornar arte novamente e deixar de ser apenas moda.

Anexo C - Teu Direito de Janela e o Teu Dever de Árvore

Friedensreich Hundertwasser Fevereiro de 1972

Sufocamos em nossas cidades devido à poluição do ar e à falta de oxigênio. A vegetação que nos permite viver e respirar é sistematicamente destruída. Nossa existência é desumana.

Andamos por fachadas cinzas e estéreis e não sabemos que fomos admitidos nas celas da prisão.

Se queremos sobreviver, todos têm que agir.

Você precisa projetar seu próprio ambiente. Você não pode esperar por autoridade e permissão. Não apenas suas roupas e seu interior, mas também sua parede externa é sua. Qualquer tipo de design individual é melhor que a morte estéril.

É seu direito abrir a janela e, tanto quanto o seu braço, o lado de fora que mais lhe convier.

As ordens que proíbem ou restringem esse direito serão desconsideradas. É seu dever ajudar a vegetação ao máximo.

A natureza livre deve crescer em todos os lugares, onde a neve e a chuva caem, onde tudo é branco no inverno, tudo deve ser verde no verão.

O que está horizontalmente sob o céu aberto pertence à natureza.

Estradas e telhados devem ser arborizados. Na cidade, você deve poder respirar o ar da floresta novamente.

A relação entre homem e árvore deve assumir proporções religiosas. Finalmente, entenderemos a frase: a linha reta é sem Deus.